

MAQUIAVEL: MONÓLOGOS & DIÁLOGOS DO PODER*

MACHIAVELLI : POWER MONOLOGUES & DIALOGUES

PAULO FERREIRA DA CUNHA**

RESUMO

Para além do maquiavelismo e do antimachiavelismo, há quem seja contra um Maquiavel real ou mítico e quem compreenda o profundo drama do Secretário Florentino. No presente artigo se procura superar o preconceito antimachiavelista e entender melhor o drama do filósofo político incompreendido e mal recompensado que foi Maquiavel. E assim avançar um pouco mais na compreensão do drama ou da tragédia do Poder.

PALAVRAS-CHAVE: Maquiavel. O Príncipe. Poder. Filosofia Política. Solidão política.

ABSTRACT

Beyond Machiavellianism and anti-Machiavellianism, some are against a real or mythical Machiavelli. And they may understand the profound drama of the Florentine Secretary. The present article seeks to overcome the prejudice against the author and better understand the drama of the misunderstood and poorly rewarded political philosopher who was Machiavelli. And we want to go further in understanding the drama or the tragedy of power.

KEYWORDS: Machiavelli. The Prince. Power. Political philosophy. Political loneliness.

“não é uma coincidência, mas um índice de plenitude”

Pedro Calmon¹

* Este texto procura reconstituir e aqui e ali complementar a conferência que proferimos no Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no dia 6 de fevereiro de 2014.

** Catedrático (Full Professor) de Direito de nomeação definitiva (tenure). Laureate International Universities (UAM, São Paulo), Bolsheiro da FUNADESP na FADISP, Fundador do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto.
Email: lusofilias@gmail.com

1 CALMON, Pedro. *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1952. p. 174.

I. SOLIDÃO E DIÁLOGO DE MAQUIAVEL

O renome de Maquiavel, provando que não há propaganda ou *marketing* negativo, confundem-nos sobre a sua figura e o seu drama pessoal. Tão renomado, posto que mal afamado, *Maquiavel pessoa* fica na penumbra para que sobressaia o *Maquiavel mito*.

Mas seja ou não pose que em modesto gabinete de sua casa se ornava dos mais ricos vestidos para se embriagar, à noite, de sonhos de colóquios com os grandes das Letras de antanho, ou que ia às compras ao mercado sozinho e cabisbaixo, num e noutra caso podemos ver bem a imensa solidão de Maquiavel. Ela também está nos seus diálogos de surdos na estalagem que, durante o seu desterro, frequentava. Ela está, finalmente, nas humilhantes duas garrafas de vinho com que o Príncipe de carne e osso presenteou a obra homônima imortal em papel e em sonho.

Maquiavel é um solitário e, como Savonarola, um belo exemplo do *profeta desarmado*. O que não quer dizer que não tenha tido algumas companhias, queridas e não queridas, boas umas, menos boas outras, com quem se estabeleceram - ou a posteridade estabeleceu por ele - interessantes e esclarecedores diálogos.

II. AS COMPANHIAS DO SECRETÁRIO FLORENTINO

“O Inferno são os outros” - é a citação mais célebre do *Huit clos*, de Sartre. Há um livro que coloca Maquiavel no inferno², e uma das alcunhas britânicas do secretário florentino é a mesma do diabo, aliás em sintonia com várias diabolizações da personagem: “old Nick” designa Nicolau Maquiavel, mas é também o nome de guerra do diabo inglês. Não vamos mais longe: em seu tempo, houve Jesuítas que o consideraram *cúmplice de Satanás no crime*³. Rodeado em inferno de outros que o infernizam e diabolizam certamente pode estar Maquiavel... Mas não são esses que mais importam. De

2 DE GRAZIA, Sebastian. *Maquiavel no Inferno*, tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª reimpressão, 2000.

3 Cf. CURRY, Patrick; ZARATE, Óscar. *Introducing Machiavelli*. Cambridge: Icon Books, 1ª reimpressão. 2000, p. 3.

entre os clássicos, citaríamos o Padre Lucchesini, Giove, Garasse, Gentillet, ou Leys, e ainda Cipião de Castro, Gabriel Naudé, o monge Paulo Sarpi, Sydney, Gréville, Spencer, e até o tão pouco angélico Sir Walter Raleigh... Mesmo alguns dos seus admiradores poderão não ser bom salvo conduto, pelo menos para alguns: é o caso do fascista Benito Mussolini⁴, e do comunista Antonio Gramsci⁵. Há companhias e simpatias que podem igualmente, em certos círculos e tempos, estigmatizar...

Também não estamos habilitados a falar de um outro tema, sem dúvida interessante, que seria Maquiavel e a dama, ou Maquiavel e as damas, recordando nesta formulação o título traduzido (por Érico Veríssimo: uma teia de diplomatas em jogo de espelhos) da obra homónima de Somerset Maughan. O título original da obra é *Then and Now*... Embora esta obra nos apresente um Maquiavel certamente próximo da realidade: prudente e dissimulado nas coisas da política, mas talvez nem tanto nas do coração. Este livro lembra a *Mandrágona*... aplicada ao pobre Maquiavel. Será que os homens do mundo seriam frequentemente ingénuos em matérias menos políticas, ou de uma outra política? Talvez seja um tópico a considerar nas regularidades da História da Literatura...

Salta outra ficha: o livro de contos de Maria Judite de Carvalho *Tanta Gente, Mariana*, que se sintetizaria neste delicioso pedacinho:

“Todos estamos sozinhos, Mariana. Sozinhos e muita gente à nossa volta. Tanta gente, Mariana! E ninguém vai fazer nada por nós. Ninguém pode. Ninguém queria, se pudesse. Nem uma esperança...”⁶

Certamente esta sensação conheceu-a bem Maquiavel. Homem do mundo, mas homem muito só, e mais só ainda porque

4 Cf., v.g. MUSSOLINI, Benito. “*Gerarchia*”. tradução de Francisco Morais. Coimbra: Atlântida, MCMXXXV. p. V e ss.

5 Cf. GRAMSCI, António. *Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo stato moderno*, Turim: Einaudi, 1949.

6 CARVALHO, Maria Judite de. *Tanta Gente, Mariana*. 5ª ed., Mem Martins: Europa-América, 1988 (1ª ed. 1960), p. 18.

impotente politicamente. Por um lado, pois, a solidão do Homem, do Político, do Teorizador. Por outro, aqueles com quem se cruza, com quem dialoga, ou que consigo polemizam, vivo e depois de morto.

Outra interrogação se coloca: sabendo muito bem Maquiavel o que queria e para onde queria que a Itália fosse, não se identificando com as ideias correntes do seu tempo, mas transcendendo-o, ficou praticamente sempre na penumbra. Outros há, contudo, que associam a essa individualidade e à não conformação com as massas uma liderança que se consolida. Porque triunfam uns e não outros? O que realmente os distingue? O pendor reflexivo dos que se não conseguem afirmar? Será que a escrita é contrária à ação. De um grande vencedor da História se sublinhava que não deixou nada escrito, Péricles⁷. Mas é evidente que não pode ser o escrever que prejudica a ação, deve haver nesta algo de especial... Ou, certamente mais ainda (depende de quão fatalista se seja) nas circunstâncias e na *fortuna*.

III. “PROFETA DESARMADO”

A solidão de Maquiavel pode aquilatar-se em diversos episódios e ditos. Não precisamos de grandes perscrutações psicológicas.

A solidão política é fatal. Isso equivale a ser-se um profeta desarmado, como foi Savonarola, que pereceu na praça onde pouco antes mandava queimar livros:

“(...) *tutti e’ profeti armati vinsono, e li disarmati ruinorono*”⁸

Pelo contrário, a felicidade advém da união ou da comunhão e da concordância (quando possa ocorrer):

“*Concludo, adunque, che, variando la fortuna, e stando li uomini ne’ loro modi ostinati, sono felici mentre concordano insieme, e, come discordano, infelici.*”⁹

7 MOSSÉ, Claude. *Péricles: O Inventor da Democracia*. tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2008, máx. p. 187 e ss.

8 MACHIAVELLI, Niccolò. *Il Principe*, VI.

9 Idem, *Ibidem*.

Vejo ainda Maquiavel, representado nesse retrato do Palazzo Vecchio de Florença, pintado por Santi di Tito¹⁰, em que ostenta aquele célebre sorriso de Mona Lisa, o que se usa para zombar do mundo. Aí já se antevê o autor d' *A Mandrágora*. Mas também é um olhar de temor, porque de solidão. E o mundo não perdoa a quem dele se ri, ou mesmo sorri...

Uma tradição que procura minimizar o papel da nossa personagem no governo de Florença, apresenta-o como afinal um subalterno, que vai pessoalmente comprar couves ao mercado. E apresenta-no-lo sozinho, atravessando a praça, com o seu molho de legumes pensativo.

E Nicolau, desterrado depois do derrube do Gonfaloniero Soderini pelos Médicis (aliás, antes disso preso e torturado: sinais de solidão, de ausência dos outros, ou de presença dos piores outros - os carrascos e os carcereiros, os outro de inferno, sim), impedido de entrar na sua Florença, leva uma vida solitária, ainda que com alguma sociabilidade. A qual lhe não agrada. Veja-se apenas o que ocorre depois de almoço, de acordo com a célebre carta a Vettori em que descreve o seu quotidiano:

“Terminado o almoço, retorno à hospedaria; aqui, geralmente, estão o estalajadeiro, um açougueiro, um moleiro e dois padeiros. Com estes eu me rebaixo o dia todo jogando cricca, trichtach, e, depois, daí nas cem mil contendias e infinitos acintes com palavras injuriosas; a maioria das vezes se disputa uma insignificância e, contudo, somos ouvidos gritar por São Casciano. Assim, envolvido entre estes piolhos, cubro o cérebro de bolor e desabafo a malignidade de minha sorte, ficando contente se me encontrásseis nesta estrada para ver se essa malignidade se envergonha.”¹¹

10 Cf., aliás, VIROLI, Maurizio. *O Sorriso de Nicolau: História de Maquiavel*. tradução de Valéria Pereira da Silva, São Paulo, Estação Liberdade, 2002.

11 Apud <http://www.mundodolivro.com.br/2013/01/o-principe-carta-de-machiavelli.html>.

IV. SOLIDÃO CRIADORA E CONVERSAÇÃO COM OS LIVROS

Mas necessariamente solitária é a sua existência mais profunda, quando se encontra a si próprio, que é nessas quatro horas noturnas em que se retira, e se exalta, se transfigura, como autor digno das pompas das cortes. É o que nos conta aquela que já foi considerada a mais célebre carta da literatura italiana. A carta de Maquiavel a Francesco Vettori, de 10 de dezembro de 1413 é sempre uma preciosidade:

“Chegada a noite, retorno para casa e entro no meu escritório; na porta, dispo a roupa quotidiana, cheia de barro e lodo, visto roupas dignas de rei e da corte e, vestido assim condignamente, penetro nas antigas cortes dos homens do passado onde, por eles recebido amavelmente, nutro-me daquele alimento que é unicamente meu, para o qual eu nasci; não me envergonho ao falar com eles e perguntar-lhes das razões de suas ações. Eles por sua humanidade, me respondem, e eu não sinto durante quatro horas qualquer tédio, esqueço todas as aflições, não temo a pobreza, não me amedronta a morte: eu me integro inteiramente neles.”¹²

Como bem se sabe, será imediatamente a seguir que anunciará o seu opúsculo a que hoje chamamos *O Príncipe*¹³:

12 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo, Legatus Editora: 2010. p. 109. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3DRSBQAAQBAJ>

13 Principais edições que conhecemos: *Œuvres complètes*, ed. de Edmond Barincou, prefácio de Jean Giono, reimp., Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1986; *Il Principe*, introd. de Piero Melograni, Milão, B. U. R. Rizzoli, 1991; *Il Principe e pagine dei Discorsi e delle Istorie*, org. de Luigi Russo, Florença, Sansoni, 1967; *Il Principe*, com um ensaio de Vittore Branca, reed., Milão, Arnoldo Mondadori, 2003; *Il Principe*, introd. de Nino Borsellino, seguido de *Dell'arte della guerra*, ed. de Alessandro Capata, 2.^a ed., Roma, Newton, 2003; *Il teatro e tutti gli scritti letterari*, org. de Franco Gaeta, Milão, Feltrinelli, 1965; *La Mandragola e il Principe*, org. de Gian Mario Anselmi, Elisabetta Menetti e Carlo Varotti, Milão, Bruno Mondadori, 1993; *Opere complete*, Palermo, Fratelli Pedone Lauriel, 1868; *Tutte le opere storiche, politiche e letterarie*, org. de Alessandro Capata, com um ensaio de Nino Borsellino, Milão, Newton, 1998; *Tutte le opere*, org. de Mario Martelli, Florença, Sansoni, 1971; *A Mandrágora. Bejagor, o Arquidiabo*, São Paulo, Martin Claret, 2003; *Escritos Políticos/A Arte da Guerra*, trad. bras. de Jean Melville, São Paulo, Martin Claret, 2002;

“E, porque Dante disse não haver ciência sem que seja retido o que foi apreendido, eu anotei aquilo de que, por sua conversação, fiz capital, e compus um opúsculo *De Principatibus*, onde me aprofundo o quanto posso nas cogitações deste assunto, discutindo o que é principado, de que espécies são, como são adquiridos, como se mantêm, porque são perdidos.”¹⁴

Homem só, franzino, sem fortuna (seu pai, jurista com pergaminhos de nobreza e nutrida biblioteca, tinha-se afundado na insolvência), ao que parece motivo de chacota entre os militares por um dia não ter sequer conseguido, ao comando das tropas (que lhe foram na ocasião cedidas pelo *condottiere* delle Bande Nere), colocá-las em posição de combate, Maquiavel tira o seu desforço na companhia segura dos clássicos, e sonhando com um chefe que será ao mesmo tempo o unificador de Itália, e o seu patrono e mecenas, certamente. Assim se dirige a Lourenço de Médicis, no final do *Príncipe*, que lhe dedica, encerrando com uma citação de Petrarca:

“Pigli, adunque, la illustre casa vostra questo assunto com quello animo e com quella speranza che si pigliano le imprese iuste; aciò che, sotto la sua insegna, e questa patria ne sia nobilitata, e, sotto li sua auspizi, si verifiche quel detto del Petrarca:

‘Virtù contro a furore

Prendrà l’arme, e fia el combatter corto;

Ché l’antico valore

Nell’italici cor non è ancor morto”¹⁵¹⁶

História de Florença, de Maquiavel, 2.^a ed. rev., São Paulo, Musa, 1998; O Príncipe, comentado por Napoleão Bonaparte, trad. do texto de Fernanda Pinto Rodrigues, trad. dos comentários de M. Antonieta Mendonça, Mem Martins, Europa-América, 1976; O Príncipe, trad. port. de Francisco Morais, Coimbra, Atlântida, MCMXXXV; O Príncipe, trad., introd. e notas de António d’Elia, São Paulo, Cultrix, 2003; O Príncipe, trad. port. de Carlos Eduardo de Soveral, Lisboa, Guimarães Editores, 1984; O Príncipe. Escritos Políticos, trad. port. de Lívio Xavier, abril Cultural, São Paulo, 1973.

14 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo, Legatus Editora: 2010. p. 109.

15 PETRARCA, Francesco. “*Italia mia*”, *Canzoniere*, CXXVIII, vv. 93-96.

16 MACHIAVELLI, Niccolò. *Il Príncipe*, XXVI.

V. LA TRAHISON DU CLERC?

Retomenos a tradução portuguesa de *Then and Now*. Não resistimos a citar este passo de diálogo, tão eloquente:

“Achei que era demasiado inteligente para se contentar em ficar o resto da vida numa posição de subordinado – Observou o Duque.

— Aprendi em Aristóteles que a melhor sabedoria é cultivar o áureo meio-termo.

— É possível que não tenha nenhuma ambição?

— Longe disso, Excelência – sorriu Maquiavel. A minha ambição é servir o meu Estado da melhor maneira possível.

— É exatamente isso que nunca lhe permitirão fazer. Sabe melhor do que ninguém que, numa república, talento é coisa suspeita. Um homem atinge altas posições porque a sua mediocridade o impede de constituir uma ameaça para os companheiros. Eis por que uma democracia é governada não pelos homens mais competentes, mas por aqueles cuja insignificância não desperta a apreensão de ninguém. Sabe quais são os cancras que roem o coração de uma democracia?

Olhou para Maquiavel como se esperasse por uma resposta: mas o florentino não disse palavra.

— A inveja e o medo.”¹⁷

Uma verdadeira selva. E para sobreviver, por vezes, é preciso engenho, arte... E muita sorte. *Virtù e fortuna*, afinal...

Maquiavel usa o termo *virtù* abundantemente, ao ponto de haver quem considere que a expressão tem pouco sentido próprio. Mas podemos ver nela uma mais complexa e coerente significação, como o faz Quentin Skinner. *Virtù* chega quase a significar mesmo “virtude” *tout court* (o que não será habitual), num passo como este, de recorte negativo:

17 MAUGHAM, William Somerset. *Maquiavel e a Dama*. Disponível em: <<http://livrariapodoslivros.blogspot.pt/2011/11/dialogo-entre-o-duque-cesar-borgia-e.html>>

*“Non si può ancora chiamare virtù ammazzare e’ suoi cittadini, tradire gli amici, essere senza fede, senza religione; li quali modi possono fare acquistare imperio, ma non gloria.”*¹⁸

Muitos são duros para com o nosso autor. E consideram que a via trilhada por ele teria sido a desse oportunismo que tenta tantos intelectuais, uma venda da alma ao diabo. Considera assim Evaldo Cabral de Mello:

*“A biografia do secretário florentino é um caso-limite do fenómeno que se repete todos os dias, do homem de talento disposto a vender a alma ao Diabo e preparado para sacrificar a formulação das suas ideias, por mais inteligentes que pareçam, à satisfação passageira de ter impingido ao príncipe de plantão ao menos uma parte delas.”*¹⁹

Como sabemos, o príncipe homenageado pela obra imortal de Maquiavel tardou a responder ao obséquio, e presenteou o mísero intelectual com nada mais (nada menos) que as já referidas duas garrafas de bom vinho. Parca paga. Aliás, como costumam ser pagos os intelectuais, por muitas ou poucas virtudes que possuam...

Nicolau pode vergar-se perante os poderosos, dar ao príncipe poderes vastos e permitir-lhe um saco de perfídias, mas não transige com a sua própria obra, ao que parece. Ela afirma-se na sua originalidade, não dependendo de autoridades teológicas, ou jurídicas (este último aspeto menos referido). Como afirma Cerroni:

*“(...) Machiavelli è il primo grande pensatore politico italiano completamente e definitivamente affrancato da ogni dipendenza culturale dalla teologia e dalla cultura cattolica: è anche il primo pensatore politico europeo interamente laico, che non fa più ricorso alle sacre scritture, cui si riferiranno ancora Hobbes e Locke”*²⁰.

18 MACHIAVELLI, Niccolò. *Il Principe*, VIII (De his qui per scelera ad principatum parvenere).

19 MELLO, Evaldo Cabral de. *Um Imenso Portugal: História e Historiografia*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 14.

20 CERRONI, Umberto. *Il Pensiero Politico Italiano*. Roma: Newton, 1995, p. 35.

Não é pequena mostra de independência de espírito, e até de alguma temeridade, este traço, que tem contribuído para ver no autor um corte do nó górdio, no sentido de um *Isolierung* da Política face a outras realidades e *epistemai*.

VI. RONDAS DO DIA E RONDAS DA NOITE

Mas Maquiavel tem gente à sua volta. Não são os pequenos “piolhosos” com quem socializa por desenfado, não são os grandes e os contactos úteis, que procura amaciar ou mesmo seduzir, não é sequer a família, que aparece mais na penumbra, embora haja interessantes cartas, não podem ser os que o louvam ou o crucificam. Os diálogos que interessam a Maquiavel são os que o não frustram jamais e os que lhe fazem boa companhia. Aqueles com quem verdadeiramente dialoga são os da sua raça e condição, são os clássicos que o acompanham, até no passeio matinal:

“Saindo do bosque, vou a uma fonte e, daqui, ao meu viveiro de tordos. Levo um livro comigo, ou Dante ou Petrarca, ou um desses poetas menores, Tíbulo, Ovidio e semelhantes; leio aquelas suas amorosas paixões, e aqueles seus amores lembram-me os meus; deleito-me algum tempo nestes pensamentos.”²¹

Não surpreende assim tanto que a Biblioteca do Vaticano guarde uma cópia de Lucrécio do punho de Maquiavel (MS Rossi 884)²². E logo Lucrécio, esse arauto da mentalidade moderna, como foi ampla e saborosamente documentado por Stephen Greenblat, no seu *The Swerbe - How the World Become Modern*.

Os outros com quem Maquiavel realmente dialoga são clássicos, naturalmente. Mas, ao menos virtualmente, há contemporâneos seus que devemos fazer dialogar consigo, ainda que o seu contacto possa ter sido ténue ou nulo... E ainda que o

21 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo, Legatus Editora: 2010. p. 109. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3DRSBQAAQBAJ>

22 Apud GREENBLAT, Stephen. *A Grande Mudança. Origem e História do Pensamento Moderno*, tradução de Isabel Jardim. Lisboa: Clube do Autor, 2012. p. 196.

houvesse sido, certamente há coisas que andam no ar no mesmo tempo.. O que produz um ar de família das realizações culturais. Tal como as catedrais góticas e a escolástica são afins, como recordava Erwin Panofsky²³, assim também os destinos da filosofia política se firmarão nesse século de grandes mudanças

VII. MAQUIAVEL E OUTROS GRANDES HUMANISTAS POLÍTICOS DO SEU TEMPO

Nesse tempo prodigioso que foi o do Renascimento e do Humanismo, está a génese de muito do mundo moderno. Aí está a criação ou o florescimento e a expansão do reencontro com a Antiguidade. Sabemos, evidentemente (pessoalmente aprendi-o com Curtius) que a Idade Média não foi só trevas, e também transmitiu o legado cultural dos Antigos. Sabemos que não houve só mártires da filosofia, como Boécio; exitiram também pacientes Cassiodoros que foram coligindo, preservando, transmitindo. Contudo, este tempo é o de eclosão e de profissão de fé novas, renovadas, como se sabe. Não vou ainda à missa de Le Goff e de Basset para quem, no limite, tudo seria ainda medieval neste tempo²⁴... Creio que há um corte, e Maquiavel é dos que dá esse corte.

A Filosofia Política encontrará, no Renascimento, três exemplos cimeiros muito expressivos, das suas diversas modalidades. A leitura de três livros de três célebres autores renascentistas – *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Roterdão (1511)²⁵, *O Príncipe*,

23 PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura Gótica e escolástica: Sobre a Analogia entre Arte, Filosofia e Teologia na Idade Média*, tradução de Wolf Hoernke, revisão da tradução de Maria Estela Heider Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

24 BASCHET, Jérôme. *La Civilization féodale: De l'an mil à la colonization d'Amérique, avec une Préface de Jacques Le Goff*. Paris: Flammarion, 2004.

25 Outras das principais obras do autor: *Encomium Morix – Elogio da Loucura* (1509-1511); *De libero arbitrio diatriba sive collatio* (1524); *Dulce bellum inexpertis* (1515/1517); *Querela pacis* (1517); *De civilitate morum puerilium* (1530). Edições correntes: *Dulce bellum inexpertis/Querela pacis*, trad. port. de A. Guimarães Pinto, *A Guerra e Queixa da Paz*, Lisboa, Edições 70, 1999; *Elogio da Loucura*, ed. port. com trad., prefácio e notas de Maria Isabel Gonçalves Tomás, Mem Martins, Europa-América, 1973; *De civilitate morum puerilium*, trad. port. de Fernando Guerreiro, A

de Maquiavel (1513) e *A Utopia*, de Tomás Moro (1516)²⁶ constitui a mais esclarecedora introdução aos estilos da Filosofia Política e aos problemas que, sempre, sob diversa forma, coloca.

VII.O ESTUDO DO PODER

A Filosofia Política pode ser, essencialmente, uma de três coisas:

- A primeira é o estudo das teorias e dos meios de adquirir e preservar o poder (como n' *O Príncipe*, de Maquiavel)²⁷. Sendo ainda, concomitantemente, segundo a versão que preferimos, não um “manual do gangster”, como dizia Sir Bertrand Russell, mas um manual de defesa dos povos contra os tiranos. Como afirma o sociólogo contemporâneo Anthony Giddens,

“Princípios que podem ser aplicados por Príncipes também o podem ((ser)) por aqueles que estão submetidos ao seu domínio e por outros que se lhes opõem”²⁸.

Civilidade Pueril, Lisboa, Estampa, 1978.

26 Principais outras obras do autor:; De optimo reipublicæ statu, deque noua insula Vtopia (1516); The Four Last Things (1522); Dialogue Against Tyndale (1528); Dialogue of Comfort in Tribulation (1534). Atribui-se-lhe ainda uma History of King Richard III (1513). Algumas edições: De optimo reip. statu, deque noua insula Vtopia..., ed. de Bâle, 1518, fac-simile in André Prévost, L'Utopie de Thomas More, Paris, Nouvelles Editions Mame, 1978; Un Hombre Solo. Cartas desde la Torre, trad. cast., introd. e notas de Alvaro de Silva, Madrid, Rialp, 1988; Utopia, trad. port. de José Marinho, Lisboa, Guimarães Editores, 1972.

27 Sobre Maquiavel, a bibliografia é incontável, e por vezes revela surpresas aos que julgam conhecer o autor e o “maquiavelismo”: cf. VALLANÇON, François — L'État, le Droit et la Société Modernes, Paris, Armand Colin, 1998, pp. 10-24 ; BIGNOTTO, Newton — Maquiavel, Rio de Janeiro, Zahar, 2003 ; LEFORT, Claude — Le travail de l'oeuvre – Machiavel, Paris, Gallimard, 1972; GRAMSCI, António — Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo stato moderno, Turim, Einaudi, 1949; DE GRAZIA, Sebastian — Machiavelli in Hell, trad. bras. Denise Bottman, Maquiavel no Inferno, 2.ª reimp., São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

28 GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*, tradução de Álvaro Cabral, São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 412-413.

É evidente que *O Príncipe* não fala de direitos²⁹, e menos de direitos humanos: mas quem falaria deles, naquele tempo? Mas se as obras políticas grandes nascem da experiência e da dor, parece-nos que esta não nasceu da louvaminha do poder, mas do conhecimento das suas manhas, abusos, torpezas que, pagando, na mesma moeda, haveria que revelar. Confessa Maquiavel:

*“Molti credono che le grandi opere di politica nascano dal distacco e dalla fredda luce della ragione non turbata dalle passioni. È una sciocchezza inventata dagli accademici. Quelle veramente grandi, e sono pochissime, nascono dal dolore che si scioglie in pagine che sono tutta forza e vita e rompono le convenzioni e i confini fissati dai mediocri.”*³⁰

E mais certamente ainda parece revelar-se o propósito do autor neste passo:

*“Perché in ogni città si trovano questa dua umori diversi; e nasce da questo, che il populo desidera non essere comandato né oppresso da’ grandi, e li grandi desiderano comandare e opprimere il populo”*³¹

Ou então, nesta outra passagem, defendendo os Tribunos da Plebe como instituição contra os nobres:

*E però, dopo molte confusioni, romori e pericoli di scandoli, che nacquero intra la Plebe e la Nobilità, si venne, per sicurtà della Plebe, alla creazione de’ Tribuni; e quelli ordinarono con tante preminenzie e tanta riputazione, che poterono essere sempre di poi mezzi intra la Plebe e il Senato, e ovviare alla insolenzia de’ Nobili.”*³²

29 SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do Liberalismo*. tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP / Cambridge Univ. Press, 1999. p.27: “Maquiavel, por exemplo, nunca emprega a linguagem dos direitos; ele sempre se limita a descrever o gozo da liberdade individual como um dos ganhos ou benefícios a serem derivados do facto de se viver sob um governo bem ordenado”. As expressões utilizadas por Maquiavel – lembra Skinner, em nota – são comuna utilità e profitti e nunca diritti.

30 VIROLI, Maurizio. *Il Sorriso di Nicolò. Storia di Machiavelli*, Editore Laterza, 1998. p. 153. Disponível em: <http://www.lastoria.org/viroli.html>

31 MACHIAVELLI, Niccolò, I. *Il Principe*, X.

32 MACHIAVELLI, Niccolò. *Discorsi...*, I, 3.

Não devem, pois, impressionar-nos os conselhos de Maquiavel. Pois não afirma a Bíblia que devemos ser *prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas*?³³. A figura de um Maquiavel republicano está a ficar cada vez mais familiar entre os estudiosos³⁴.

IX. A CRÍTICA DO PODER

A segunda forma de Filosofia Política é a crítica do *statu quo*, até sob forma de efabulação satírica (como n' *O Elogio da Loucura*, de Erasmo)³⁵. Todo o *Elogio* é uma desconstrução, uma desmistificação. Recordemos um tudo-nada do que poderia ter Maquiavel lido sobre os Príncipes:

“Não posso deixar, aqui, de lastimar a sorte dos príncipes. Oh! como são infelizes! Inacessíveis à verdades, só contam com a amizade dos adutores. Mas, ponderará alguém que eles não devem queixar-se senão de si mesmos. Porque será que os príncipes não gostam de prestar ouvidos à verdade? E porque detestam a companhia dos filósofos? Ah! bem vejo que isso se deve ao medo que têm os príncipes de encontrar, entre os filósofos, algum petulante que se atreva a dizer o que é verdadeiro e não o que é agradável! Concedo, de bom agrado, que a verdade seja odiada por todos e muito mais pelos monarcas. Mas, é justamente essa razão o que mais honra os meus loucos. Nem mesmo dissimulam os vícios e os defeitos dos reis. Que digo eu? Chegam, muitas vezes, a insultá-los, a injuriá-los, sem que esses senhores do mundo se ofendam por isso ou se aborreçam. Sabemos que os príncipes, em lugar de ficarem indignados, riem-se de todo coração quando um tolo lhes diz coisas que seriam mais do que suficientes para enforcar um filósofo. Só se costuma defender a verdade quando não se é atingido por ela; ora, só aos loucos os

33 Mt. X, 16.

34 Cf., em geral, e em língua portuguesa, BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel Republicano*. São Paulo: Loyola, 1991.

35 Muito sugestivo, embora a necessitar de complemento histórico-crítico, é ZWEIG, Stephen. *Erasmo de Roterdão*. Porto: Livraria Civilização, 1979. 9.^a edição.

deuses concederam o privilégio de censurar e moralizar sem ofender a ninguém.”³⁶

A *démarche* de Maquiavel não será nem a dos filósofos aqui retratados, nem a dos loucos. Conseguirá com o seu *Príncipe* escrito um par de garrafas de vinho do Príncipe reinante. Mas certamente Maquiavel experimentaria *mixed feelings*: ao mesmo tempo, como profeta desarmado, precisa do braço armado de um soberano. Por outro lado, sabe os perigos e os abusos dos que mandam. Triste condição do intelectual. Como diria Heródoto: “A dor mais hostil entre os Homens é esta: ter saber sobre muito e poder sobre nada”³⁷.

X. O MITO DA CIDADE IDEAL

A terceira consistirá na contraposição (proposta?) de uma cidade ideal mítica, ou utopia (de que é exemplo grande a *Utopia*, de Tomás Moro)³⁸.

O chanceler britânico, que fora anfitrião de Erasmo durante o período em que redigiu o *Elogio* da loucura, que como se sabe, tem em grego um título que evoca o seu nome (*Morias Engomion*, *Μωρίας Εγκώμιον*; em latim o título é *Stultitiae Laus*), não anda muito longe, no diagnóstico das cortes, das ideais do seu amigo de Roterdão. Assim fala dos conselheiros dos Príncipes, afinal da função que Maquiavel (apesar das desculpas da dedicatória) se arroga na sua obra:

36 *Apud* <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/elogio.pdf>

37 *Apud* cremos que Heinrich Ewald Hoester, numa lição policopiada de teoria geral do direito civil, na UCP, Porto, que não conseguimos reencontrar.

38 Sobre Tomás Moro, cf., de entre inumeráveis : PRÉVOST, André. *L'Utopie de Thomas More*. Paris: Nouvelles Editions Mame, 1978; AMES, Russel. *Citizen Thomas More and His Utopia*. Princeton, N° I, 1949.; CHAMBERS, R. W. *Thomas More*. Brighton: The Harvester Press, 1982.; ACKROYD, Peter *A Vida de Tomás More*. tradução Mário Correia/Thomas More. Biografia, Chiado. Lisboa: Bertrand, 2003. Cf., em geral, o nosso livro *Constituição, Direito e Utopia. Do Jurídico-Constitucional nas Utopias Políticas*, Coimbra, 'Studia Iuridica', Boletim da Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra/Coimbra Editora, 1996.

“Dos seus membros, uns calam-se por inépcia, e esses precisariam até de ser eles próprios aconselhados. Outros são mais dotados e sabem que o são, mas compartilham sempre da opinião dos anteriores que estão em melhores graças, e aplaudem entusiasmados as tolices que estes têm por bem propinar. Vis parasitas só têm uma finalidade: alcançar, por meio da lisonja mais mesquinha e criminoso, a proteção do favorito do Rei. Há ainda escravos do amor-próprio, que ouvem apenas a sua própria opinião, coisa nada para admirar porque a natureza leva cada homem a afagar amorosamente aquilo mesmo que cria”³⁹.

Certamente por esse mau conselho é que as repúblicas andam desconcertadas. E continua o diagnóstico do autor da Utopia, e santo da Igreja Católica:

“Os ricos diminuem todos os dias de uma ou de outra maneira o salário dos pobres não só com fraudes de vária natureza, mas por meio de leis especiais. Tão mal recompensar aqueles que mais merecem da república afigura-se, antes de mais nada, crueldade evidente.

(...) Eis porque, quando considero e observo as mais florescentes repúblicas de hoje, não vejo nelas, assim Deus me perdoe!, senão uma conspiração dos ricos, que realizam o melhor possível os seus negócios acobertados sob o nome e faustoso título de república. (...) Estas maquinações decretadas pelos ricos em nome do Estado e por conseguinte em nome dos pobres, também, tornam-se finalmente em leis.”⁴⁰

E por isso é que a chave da utopia de Moro é a Igualdade, baseada na abolição da propriedade privada - o que lhe terá valido uma estátua em Moscovo no tempo da URSS:

“Muitas vezes até acontece que a sorte do rico devia caber ao pobre. Não há ricos avaros, imorais e inúteis? Pobres simples e modestos, cuja indústria e trabalho aproveitam ao Estado, sem vantagem para eles próprios? Eis o que invencivelmente me convence de que a única maneira de distribuir os bens com equanimidade e

39 MORO, Tomás. *Utopia*, tradução de José Marinho. Lisboa: Guimaráes Editores, 1972. pp. 19-20.

40 Ibidem, pp. 169-170.

justiça, instituindo a felicidade do género humano, é a abolição da propriedade. Enquanto o direito de propriedade for o fundamento do edifício social, a classe mais numerosa e mais estimável só terá que partilhar miséria, tormentos e desespero”⁴¹.

Solução radical, mas certamente o papel das utopias será precisamente o de apresentarem grandes contrastes, bem diversas alternativas com a realidade presente para depois os moderados serem capazes de tirar a bisettriz da governabilidade do mundo. Como agudamente observaria Paul Valéry:

“Le monde ne vaut que par les extrêmes et ne dure que par les moyens Il ne vaut que par les ultras et ne dure que par les modérés”⁴².

XI. CONCLUSÃO

Está de moda dizer mal destes gigantes do Renascimento. Talvez seja até uma moda com alguma ou muita razão, mas é de todo o modo deprimente, e mais uma vez nos desconstrói a alma, nos prova de heróis.

Erasmo seria um cínico e covarde, meias tintas entre Roma e a Reforma, não teria elevado a sua voz quando deveria tê-lo feito. Preferia o seu conforto de letrado que não suja as mãos porque não tem mãos como disse Péguy de Kant, que não é só a prosa insípida da *Kritik der reinen Vernunft*, e realmente se comprometeu em escritos ainda hoje luminosos como *Was ist Aufklärung?* ou o projeto da Paz Perpétua. A primeira vez que vimos empalidecer a estrela e a fama do humanista foi nos próprios escritos sobre ele, Castélio e Calvino, do malogrado Stephen Zweig⁴³.

Moro é apresentado agora não como um mártir, cristão e socialista, mas como um agelasta empedernido, dogmático, papista ao ponto de querer levar a Inquisição para Inglaterra, e participante

41 Ibidem, pp. 58-59.

42 VALÉRY, Paul. *Tel Quel*, vol. I, 1941. p. 192.

43 ZWEIG, Stephen. *Erasmo de Roterdão*. Porto: Livraria Civilização, 1979. 9.ª edição.; Idem - Castélio contra Calvino, Porto, Livraria Civilização, 1977.

ativo em boa parte dos processos religiosos na Londres do seu tempo. Atente-se apenas neste veredicto de James Wood, seguindo aliás na senda de autores como G. R. Elton⁴⁴ e Richard Marius⁴⁵:

“(...) Sir Thomas More, cruel in punishment, evasive in argument, lusty for power, and repressive in politics. He betrayed Christianity when he led it so violently into court politics, and he betrayed politics when he surrendered it so meekly to the defence of Catholicism. Above all, he betrayed his humanity when he surrendered it to the alarms of God.”⁴⁶

Maquiavel, entre os outros, sempre teve má fama. Recordemos a explicação de Émile Namer:

“*La lumière trop crue des formules machiavéliques avait offusqué les âmes peu habitués à une telle clarté ; la mise à l’index des livres de Machiavel, l’interdiction de les nommer, la forte propagande religieuse et morale avaient fini par jeter l’opprobre sur Machiavel, qu’on tenait pour responsable de tous les abus de la tyrannie, par exemple de la Saint-Barthélemy*”⁴⁷.

Chegamos pois ao tempo em que de algum modo as sortes se invertem. Erasmo e sobretudo Moro parecem declinar na *fortuna* da opinião, enquanto Maquiavel começa a ser cada vez mais visto como demofílico e republicano⁴⁸, e mesmo o seu patriotismo pode ser descomplexadamente valorizado em tempos de alguma desilusão cosmopolita. Passam a ler-se mais os *Discorsi sopra la Prima Deca di Tito Lívio* (1513-1519)⁴⁹, e mesmo *Il Principe* é visto a outras luzes.

44 ELTON, G. R. “*Thomas More, Councillor*”, in *Studies in Tudor and Stuart Politics and Government*, 2 vols., Cambridge, Cambridge University Press, 1974.

45 MARIUS, Richard. *Utopia as Mirror for a Life and Times*. Disponível em: <http://www.shu.ac.uk/emls/iemls/conf/texts/marius.html>.

46 *Apud*, James Wood. *The Broken Estate: Essays on Literature and Belief*. New York: Random House, 1999. Disponível em: <http://www.luminarium.org/renlit/wood.htm>

47 NAMER, Émile. *Machiavel*, Paris: P.U.F., 1961., p.196.

48 Cf., em geral, e em língua portuguesa, BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel Republicano*. São Paulo: Loyola, 1999.

49 Todas as obras principais precisam, com efeito, de ser revisitadas: Além do Príncipe,

De Sanctis proclamava audaciosamente: “Viva Maquiavel!”⁵⁰
Pessoalmente, sou ainda pelos três *mosqueteiros*: Vivam Moro, Erasmo e Maquiavel!⁵¹ Os três se completam e mutuamente se

a citada La Mandragola (1520); Belfagor Arcidiavolo (1549); Dialogo dell'arte della guerra (1521); La Clizia (1526); Discorsi sulla prima deca di Tito Livio (1512-1519); Relatórios diplomáticos.

50 Cf., por todos, António D'ELIA. Tanto nomini nullum par elogium, introdução a O Príncipe, de Maquiavel, trad. bras. de António D'Elia, São Paulo, Cultrix, 2003, pp. 12, 13, 21.

51 ACKROYD, Peter *A Vida de Tomás More*. tradução Mário Correia/Thomas More. Biografia, Chiado. Lisboa: Bertrand, 2003; ALBUQUERQUE, Martim de. *A Sombra de Maquiavel e a Ética Tradicional Portuguesa: Ensaio de História das Ideias Políticas*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Instituto Histórico Infante Dom Henrique, 1974.; AMARAL, Diogo Freitas do. *Para uma história das ideias políticas: Maquiavel e Erasmo ou as duas faces da luta entre o poder e a moral*, in Direito e Justiça, vol. VI, 1992. pp. 91 ss.; AMES, Russel. *Citizen Thomas More and His Utopia*. Princeton, N° I, 1949.; BAINTON, Roland Herbert. *Erasmo da Cristandade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988. BATAILLON, Marcel. *Erasmo y el Erasmismo*, Barcelona: Crítica, 1983. BASCHET, Jérôme. *La Civilization féodale: De l'an mil à la colonization d'Amérique, avec une Préface de Jacques Le Goff*, Paris: Flammarion, 2004. BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel Republicano*. São Paulo: Loyola, 1991. BLOCH, Ernst. *El principio esperanza*. Tradução de Felipe Gonzales Vicen. Madrid: Aguilar, 1979. BRUSCAGLI, Riccardo. *Niccolò Machiavelli*. Florença: La Nuova Italia editrice, 1975. BURNHAM, James. *Los Maquiavelistas, defensores de la libertad*. Buenos Aires, Emecé editores, 1953. CALMON, Pedro. *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1952. CANABARRO, Nelson. “Apresentação” de *História de Florença, de Maquiavel*, 2.^a edição revisada. São Paulo: Musa, 1998. CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. Lisboa: Europa-América, 1961. CHAMBERS, R. W. *Thomas More*. Brighton: The Harvester Press, 1982. CHEVALIER, Jean-Jacques. *História do Pensamento Político*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda, t. 1, *Da Cidade-Estado ao Apogeu do Estado-Nação Monárquico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores 1982.; CORTINA, Arnaldo. *O Príncipe de Maquiavel e Seus Leitores: Uma Investigação sobre o Processo de Leitura*. São Paulo: UNESP, 1999.; CURRY, Patrick; ZARATE, Óscar. *Introducing Machiavelli*. Cambridge: Icon Books, 1.^a reimpressão. 2000. DE GRAZIA, Sebastian. *Maquiavel no Inferno*, tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 2.^a reimpressão. ELTON, Geoffrey Rudolph. “*Thomas More, Councillor*”. *Studies in Tudor and Stuart Politics and Government*, Cambridge: Cambridge University Press, 1974. FERREIRA, Serafim (coord. e trad.); SAINT-SIMON Babeuf;; BLANQUINI, Fourier. *O Socialismo antes de Marx (antologia)*. Amadora: Editora Fronteira, 1976; AMARAL, Diogo Freitas do. *Para uma história das ideias políticas: Maquiavel e Erasmo ou as duas faces da luta entre o poder e a moral*, in Direito e Justiça, vol. VI, 1992. AMARAL, Diogo Freitas do. “*Para uma história das ideias políticas: Thomas Morus ou a utopia como crítica da realidade*”, separata do número especial do Boletim da Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, Estudos em Homenagem ao Prof.

equilibram. “não é uma coincidência, mas um índice de plenitude”, como dizia dessas coincidências, até editoriais, do Renascimento, Pedro Calmon.

Vivam pois, Maquiavel, e os seus diálogos...!

REFERÊNCIAS

ACKROYD, Peter A Vida de Tomás More. tradução Mário Correia/ Thomas More. Biografia, Chiado. Lisboa: Bertrand, 2003.

ALBUQUERQUE, Martim de. A Sombra de Maquiavel e a Ética Tradicional Portuguesa: Ensaio de História das Ideias Políticas. Lisboa:

Doutor Afonso Rodrigues Queiró, 1986, Coimbra, 1992.; GRAMSCI, Antônio. *Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo stato moderno*, Turim: Einaudi, 1949. GUETTA, Alessandro. *Invito alla lettura di Machiavelli*. Milão: Mursia, 1991. GUILLEMAIN, Bernard. *Machiavel: L'Anthropologie Politique*. Genebra: Droz, 1977.; HALKIN, Léon-E. *Erasmé parmi nous*. Paris: Fayard, 1987. HERCOURT, Raymond. “*L'Utopie de Thomas Morus*”, thèse Sc. Po., Univ. Poitiers, Poitiers, Soc. Fr. D’Imprimerie et de Lib., 1919. HUIZINGA, *Johan. Erasme*. Paris: Gallimard, 1965. HYTLODEV, Miguel Mark; MARTINS, José Vitorino de Pina. *Utopia III*. Lisboa: Verbo, 1998. Relato em diálogo sobre o modo de vida educação usos costumes em finais do século xx do povo cujas leis e civilização descreveu fielmente nos inícios do século XVI o insigne Thomas More.; JANNI, Ettore. *Machiavelli*. Milão: Cogliati di Martinelli, 1927; KAMEN, Henri. *O Amanhecer da Tolerância*, tradução de Alexandre Pinheiro Torres. Porto: Inova s.d., 1968.; KESSLER, Sanford. “*Religious freedom in Thomas More’s Utopia*”, in *The Review of Politics*. Notre Dame, primavera de 2002, vol. 64, n.º 2. pp. 207 e segs. Disponível em: <http://www.geocities.com/yskretz/morekessler.html>.; LEFORT, Claude. *Le Travail de l’Œuvre*. Paris: Gallimard, 1972.; LEONE, Carlos. *Portugal Extemporâneo: História das Ideias do Discurso Crítico Moderno (Séculos XI-XIX)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, volume II, 2005. pp. 18-31; LOGAN, George M. *The meaning of More’s Utopia*. Princeton: Princeton University Press, 1983. MARIUS, Richard. *Thomas More*. Nova Iorque: Knopf, 1984; MARIUS, Richard. *Utopia as Mirror for a Life and Times*: <<http://www.shu.ac.uk/emls/iemls/conf/texts/marius.html>>.; MARTINS, José Vitorino de Pina. *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1973.; MARTINS, José Vitorino de Pina. “*L’Utopie de Thomas More au Portugal (XVIe et début du XVIIe siècle)*”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, , vol. XVII, 1982. Pp 453 e segs.; MARTINS, José Vitorino de Pina. *A “Utopia” de Thomas More como Texto de Humanismo*, separata especial do t. XXI, Lisboa, 1980, das Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras, pp. 7-48; MARTZ, Louis L. *Thomas More: The Search for the Inner Man*, New Haven. Londres: Yale University Press, 1990. MERLEAU-PONTY, Maurice. “*Note sur Machiavel*” (1949), in *Éloge de la Philosophie*. Paris: Gallimard, 1960. P 370.

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Instituto Histórico Infante Dom Henrique, 1974.

AMARAL, Diogo Freitas do. Para uma história das ideias políticas: Maquiavel e Erasmo ou as duas faces da luta entre o poder e a moral, in *Direito e Justiça*, vol. VI, 1992.

_____. “Para uma história das ideias políticas: Thomas Morus ou a utopia como crítica da realidade”, separata do número especial do *Boletim da Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Afonso Rodrigues Queiró*, 1986, Coimbra, 1992.

AMES, Russel. *Citizen Thomas More and His Utopia*. Princeton, N^o I, 1949.

BAINTON, Roland Herbert. *Erasmo da Cristandade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

BATAILLON, Marcel. *Erasmo y el Erasmismo*, Barcelona: Crítica, 1983.

BASCHET, Jérôme. *La Civilization féodale: De l’an mil à la colonization d’Amérique*, avec une Préface de Jacques Le Goff, Paris: Flammarion, 2004.

BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel Republicano*. São Paulo: Loyola, 1991.

BLOCH, Ernst. *El principio esperanza*. Tradução de Felipe Gonzales Vicen. Madrid: Aguilar, 1979.

BRUSCAGLI, Riccardo. *Niccolò Machiavelli*. Florença: La Nuova Italia editrice, 1975.

BURNHAM, James. *Los Maquiavelistas, defensores de la libertad*. Buenos Aires, Emecé editores, 1953.

CALMON, Pedro. *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1952.

CANABARRO, Nelson. “Apresentação” de *História de Florença*, de Maquiavel, 2.^a edição revisada. São Paulo: Musa, 1998.

CASSIRER, Ernst. O Mito do Estado. Lisboa: Europa-América, 1961.

CARVALHO, Maria Judite de. Tanta Gente, Mariana. 5ª ed., Mem Martins: Europa-América, 1988.

CERRONI, Umberto. Il Pensiero Politico Italiano, Roma: Newton, 1995.

CHAMBERS, R. W. Thomas More. Brighton: The Harvester Press, 1982.

_____. Thomas More, Brighton: The Harvester Press, nova edição, 1981.

CHEVALIER, Jean-Jacques. História do Pensamento Político. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda, t. 1, Da Cidade-Estado ao Apogeu do Estado-Nação Monárquico. Rio de Janeiro: Zahar Editores 1982.

CORTINA, Arnaldo. O Príncipe de Maquiavel e Seus Leitores: Uma Investigação sobre o Processo de Leitura. São Paulo: UNESP, 1999.

CUNHA, Paulo Ferreira da. Constituição, Direito e Utopia: Do Jurídico-Constitucional nas Utopias Políticas, Coimbra: Studia Iuridica, Boletim da Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra/Coimbra Editora, 1996.

CURRY, Patrick; ZARATE, Óscar. Introducing Machiavelli. Cambridge: Icon Books, 1ª reimpressão. 2000.

D'ELIA, António. Tanto nomini nullum par elogium, introdução à O Príncipe, de Maquiavel. tradução de António D'Elia. São Paulo: Cultrix, 2003.

DE GRAZIA, Sebastian. Maquiavel no Inferno, tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 2ª reimpressão.

ELTON, Geoffrey Rudolph. "Thomas More, Councillor". Studies in Tudor and Stuart Politics and Government, Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

FERREIRA, Serafim (coord. e trad.); SAINT-SIMON Babeuf,; BLANQUINI, Fourier. O Socialismo antes de Marx (antologia). Amadora: Editora Fronteira, 1976;

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*, tradução de Álvaro Cabral, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GRAMSCI, António. *Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo stato moderno*, Turim: Einaudi, 1949.

GREENBLAT, Stephen. *A Grande Mudança. Origem e História do Pensamento Moderno*, tradução de Isabel Jardim. Lisboa: Clube do Autor, 2012.

GUETTA, Alessandro. *Invito alla lettura di Machiavelli*. Milão: Mursia, 1991.

GUILLEMAIN, Bernard. *Machiavel: L'Anthropologie Politique*. Genebra: Droz, 1977.

HALKIN, Léon-E. *Erasme parmi nous*. Paris: Fayard, 1987.

HERCOURT, Raymond. *L'Utopie* de Thomas Morus, thèse Sc. Po., Univ. Poitiers, Poitiers, Soc. Fr. D'Imprimerie et de Lib., 1919.

HUIZINGA, Johan. *Erasme*. Paris: Gallimard, 1965.

HYTLODEV, Miguel Mark; MARTINS, José Vitorino de Pina. *Utopia III*. Lisboa: Verbo, 1998.

JANNI, Ettore. *Machiavelli*. Milão: Cogliati di Martinelli, 1927.

KAMEN, Henri. *O Amanhecer da Tolerância*, tradução de Alexandre Pinheiro Torres. Porto: Inova, 1968.

KESSLER, Sanford. "Religious freedom in Thomas More's Utopia", in *The Review of Politics*. Notre Dame, primavera de 2002, vol. 64, n.º 2. Disponível em: <http://www.geocities.com/yskretz/morekessler.html>>;

LEFORT, Claude. *Le Travail de l'Œuvre*. Paris: Gallimard, 1972.

LEONE, Carlos. *Portugal Extemporâneo: História das Ideias do Discurso Crítico Moderno (Séculos XI-XIX)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, volume II, 2005.

LOGAN, George M. *The meaning of More's Utopia*. Princeton: Princeton University Press, 1983.

MACHIAVELLI, Niccolò. *Il Principe*. introd. de Piero Melograni, Milão, B. U. R. Rizzoli, 1991.

MACHIAVELLI, Niccolò. *Discorsi*, ed, in ; *Il Principe e pagine dei Discorsi e delle Istorie*, org. de Luigi Russo, Florença, Sansoni, 1967.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo, Legatus Editora: 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3DRSBQAAQBAJ>

MARIUS, Richard. *Thomas More*. Nova Iorque: Knopf, 1984;

_____. *Utopia as Mirror for a Life and Times*: <<http://www.shu.ac.uk/emls/iemls/conf/texts/marius.html>>.

MARIUS, Richard. *Utopia as Mirror for a Life and Times*. Disponível em: <http://www.shu.ac.uk/emls/iemls/conf/texts/marius.html>.

MARTINS, José Vitorino de Pina. *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1973.

_____. “L’Utopie de Thomas More au Portugal (XVIe et début du XVIIe siècle)”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, , vol. XVII, 1982.

_____. A “Utopia” de Thomas More como Texto de Humanismo, separata especial do t. XXI, Lisboa, 1980, das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras*.

MARTZ, Louis L. *Thomas More: The Search for the Inner Man*, New Haven. Londres: Yale University Press, 1990.

MAUGHAM. William Somerset. *Maquiavel e a Dama*. Disponível em: <http://livrariapodoslivros.blogspot.pt/2011/11/dialogo-entre-o-duques-cesar-borgia-e.html>

MELLO, Evaldo Cabral de. *Um Imenso Portugal: História e Historiografia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. “Note sur Machiavel” (1949), in *Éloge de la Philosophie*. Paris: Gallimard, 1960.

MOSSÉ, Claude. *Périclès. L’inventeur de la démocratie*. tradução de Luciano Vieira Machado, Péricles. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

MORO, Tomás. Utopia, tradução de José Marinho. Lisboa: Guimarães Editores, 1972.

MUSSOLINI, Benito. “Gerarchia”. tradução de Francisco Morais. Coimbra: Atlântida, MCMXXXV.

NAMER, Émile. Machiavel, Paris: P.U.F., 1961.

PANOFSKY, Erwin. Arquitetura Gótica e escolástica: Sobre a Analogia entre Arte, Filosofia e Teologia na Idade Média tradução de Wolf Hoernke, revisão da tradução de Maria Estela Heider Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PETRARCA, Francesco. “Italia mia”, Canzoniere, CXXVIII.

PRÉVOST, André. L’Utopie de Thomas More. Paris: Nouvelles Editions Mame, 1978.

ROTTERDAM, Erasmo de. O Elogio da Loucura. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/elogio.pdf>

VIROLI, Maurizio O Sorriso de Nicolau: História de Maquiavel. tradução de Valéria Pereira da Silva, São Paulo, Estação Liberdade, 2002.

SKINNER, Quentin. Liberdade antes do Liberalismo. tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP / Cambridge Univ. Press, 1999.

VIROLI, Maurizio. Il Sorriso di Nicolò. Storia di Machiavelli, Editore Laterza, 1998. Disponível em: <http://www.lastoria.org/virolit.html>.

VALÉRY, Paul. Tel Quel, vol. I, 1941.

WOOD, James. The Broken Estate: Essays on Literature and Belief.

New York: Random House, 1999. Disponível em: <http://www.luminarium.org/renlit/wood.htm>

ZWEIG, Stephen. Erasmo de Roterdão. Porto: Livraria Civilização, 1979. 9.^a edição.

_____. Castélio contra Calvino. Porto: Livraria Civilização, 1977.

